

INTERNET, MEMÓRIA E DEPENDÊNCIA DE MÍDIA: A INTERFERÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS RECORDAÇÕES E COMPORTAMENTOS DOS USUÁRIOS DA WEB¹

Melanie Retz Godoy dos Santos Zwicker²

O desenvolvimento humano está em grande parte ligado às tecnologias e ao conhecimento acumulado de cada época. O ser humano faz instrumentos, fabrica utensílios, convive com uma determinada técnica que torna a sua circunstância peculiar. Tecnologia e sociedade estão intrinsecamente ligadas e a internet é a expressão mais evidente do nosso momento sócio-cultural-tecnológico. Essa tecnologia comunicacional está hoje fortemente arraigada ao cotidiano, invadindo praticamente todos os setores da vida diária. O objetivo do trabalho é demonstrar que as transformações fomentadas por ela – novas relações espacio-temporais, formas de sociabilidade, o acesso a grandes quantidades de informações e interatividade – modificaram de forma radical hábitos e comportamentos, formas de comunicar e interagir, além de criarem uma relação de extrema dependência entre usuário e rede. Em decorrência, vale ressaltar que a internet está cada vez mais presente na memória de seus usuários, nas suas recordações e vivências individuais e também tem grande influência na formação da memória social. Ao alterar a vida cotidiana e seus processos comunicacionais, ela altera também formas de pensar, visões de mundo e tem importante papel na criação, manutenção e desenvolvimento do simbólico, o que contribui com a formação da memória coletiva. A Internet vive em uma espécie de retroalimentação com a memória coletiva: influencia as memórias de seus usuários e, ao mesmo tempo, alimenta-se repetidamente do imaginário e da memória social.

O trabalho foi dividido em: pesquisa bibliográfica; pesquisa de campo e análise dos resultados. Como não pretendíamos quantificar os comunicadores que utilizam a Internet e sim compreender a influência dela no cotidiano dos profissionais da cidade de Bauru-SP, suas impressões sobre esse meio e suas vivências marcantes envolvendo essa tecnologia, concluímos que o método mais adequado para essa investigação seria uma pesquisa qualitativa: um estudo de caso. Esse tipo de estudo é profundo, mas não amplo, procurando

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático Subjetividade/Identidade do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Mestre em Comunicação Social e aluna do curso de Doutorado em Mídia e Tecnologia da Unesp - Câmpus Bauru -, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC). E-mail: melanie.retz@gmail.com.br

conhecer poucos elementos de uma população sob um grande número de aspectos (MATTAR, apud TRUJILLO, 2001, p.13-14). O método escolhido para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada em profundidade, que possibilita flexibilidade de dados e permite a liberdade de expressão e o aprofundamento da qualidade das informações. Segundo Lehmann (apud TRUJILLO, 2001, p. 44), uma entrevista em profundidade consiste em fazer perguntas dirigidas a um só sujeito por um só entrevistador, que tenta continuamente superar as respostas superficiais formulando novas questões que levam a respostas mais específicas.

A Internet como tecnologia

A história do desenvolvimento humano está fortemente ligada à história da técnica. Isso porque o homem é a técnica e a técnica é parte do homem. De acordo com Castells (1999, p. 25), “a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem as suas ferramentas tecnológicas”. Para Levy (1999, p. 21), “não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal”.

Para Rodrigues (1999, p.195), “difícilmente encontraríamos hoje domínios da nossa experiência individual e coletiva que escapem à intervenção da técnica”. Cada indivíduo, ao nascer, encontra problemas já resolvidos e outros ainda sem solução. De acordo com sua necessidade, buscará modificar as condições objetivas em que está inserido.

Desde o final do século passado, vivemos um novo paradigma tecnológico, que se organiza em torno das tecnologias da informação. Para Castells (1999, p. 50), “a revolução da tecnologia da informação é, no mínimo, um evento histórico da mesma importância que a Revolução Industrial do século XVIII”, pois induziu um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura, atingindo todos os domínios da atividade humana. E, assim como as fontes de energia foram o cerne do industrialismo, o ícone ou emblema da nova era tecnológica é a Internet.

A Internet difundiu-se mundialmente e passou a fazer parte da vida das pessoas. “Além de um dos principais negócios hodiernos, fazem parte de nossos objetos de uso fundamentais, assim como a indumentária, o mobiliário, a arquitetura, as ferramentas e máquinas de uso geral, tais como veículos, eletrodomésticos, etc.” (LOPES, 2004, p. 49). Para Lemos (2004, p. 25), “hoje, talvez mais que em outras épocas, a influência da tecnologia nas sociedades ocidentais tem um lugar capital dentre as questões que emergem como prioritárias

na contemporaneidade”. Segundo Rodrigues (1999, p. 204), “as novas tecnologias já não são meramente instrumentos, mas dispositivos que passam a fazer parte do nosso próprio corpo, a ponto de tenderem a ser praticamente imperceptíveis”. E foi, de forma gradativa, mas de maneira bastante rápida, que a Internet passou a fazer parte do cotidiano e, conseqüentemente, cada vez mais das memórias de seus usuários.

Entendendo a memória

A memória, um dos elementos centrais do estudo, não se constitui apenas em capacidade mnemônica, nem um simples arquivo de informações. Ela é, sobretudo, uma construção social, repleta de significações e peculiaridades, e tem estreito vínculo com as práticas sociais e a formação da identidade – um indivíduo é, em grande parte, aquilo de que se recorda. “Podemos afirmar que somos aquilo que recordamos, literalmente. Não podemos fazer aquilo que não sabemos como fazer, nem comunicar nada que desconheçamos, isto é, nada que não esteja em nossa memória” (IZQUIERDO, 2002, p. 09).

Memória envolve retenção e evocação de idéias, sensações, acontecimentos e conhecimentos adquiridos anteriormente de maneira seletiva. Dependemos dela para uma imensa gama de atividades cotidianas como lembrar um compromisso marcado, adquirir novos conhecimentos no trabalho, aprender algo novo, fazer uma prova, saber o que comemos no almoço, reconhecer a fisionomia das pessoas próximas, conseguir amarrar os sapatos, conversar com amigos, compreender o que os outros dizem, pensar, andar de bicicleta, reconhecer o perfume de uma flor, ficar com água na boca ao sentir cheiro de bolo quente, guardar enorme quantidade de conhecimentos, cheiros, sons, comportamentos, paisagens, etc. “A memória desempenha um papel tão abrangente no nosso cotidiano que só nos damos conta disso no momento em que um incidente provocado por um esquecimento ou distorção exige nossa atenção” (SCHACTER, 2003, p. 12).

Segundo Maurice Halbwachs (1990), a memória é coletiva, portanto social, e não podemos pensar nada em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros. Fazemos apelo aos testemunhos alheios para fortalecer, debilitar ou também para completar o que sabemos de um evento. Como o homem se caracteriza por seu grau de integração no tecido das relações sociais, as suas lembranças se estabelecem e perduram somente na medida em que são narradas, confrontadas com a recordação de outros que participaram do evento. “Um homem que se lembra sozinho o que os outros não se lembram assemelha-se a alguém que vê o que os

outros não veem” (HALBWACHS, 1990). A memória, ainda na visão de Halbwachs (1990), depende dos outros, ou melhor, dos grupos nos quais o indivíduo está inserido – a família, a escola, a classe social, a igreja, o trabalho, o clube etc. Por exemplo, recordamos nossa infância como membros da família, nosso período escolar como alunos de determinada escola, nosso bairro como pertencentes à comunidade local e assim por diante. Isso porque, de acordo com o autor, primeiro teórico da memória coletiva e discípulo de Durkheim, só há memória se houver comunicação, ou seja, uma constante confrontação do acontecimento. Guardamos um fato na memória quando ele é frequentemente debatido com outros elementos do grupo, caso contrário, suas marcas “desbotam” e acabam por deixar apenas vestígios ou apagar-se por completo.

Daniel Schacter, psicólogo norte americano e renomado estudioso da memória, concorda sobre esse ponto com Halbwachs.

Pensar e falar sobre experiências não somente ajuda a compreender o passado como altera a capacidade de recordações posteriores. Os acontecimentos e incidentes que discutimos e repetimos estão protegidos, pelo menos parcialmente, contra a transitoriedade. Quando não refletimos ou falamos sobre o que aconteceu, a tendência é esquecer mais rapidamente. Evidentemente, as experiências que nos levam à reflexão e a discuti-las várias vezes podem ser apenas mais memoráveis. (SCHACTER, 2003, p. 47)

Há que se considerar ainda que o conjunto de memórias determina a personalidade de cada um, ou seja, tem relação intrínseca com a identidade³ das pessoas. Segundo Bosi (1999, p. 81), “... *um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais*”. Um indivíduo será cuidadoso, aventureiro, receoso, impulsivo, introvertido ou contido mais de acordo com as suas lembranças, com o tipo de socialização a que foi submetido, do que com suas características genéticas. Considerando que “... *a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje*” (LE GOFF, 1979, p. 426), percebemos que o acervo de nossas memórias, nosso repertório, faz com que cada um de nós seja o que é.

Podemos ir ainda mais longe, afirmando que ter memória é uma questão de sobrevivência. Considerando o ser humano um ser gregário (não vive isoladamente), o qual

³ Segundo Castells (1999, 39), identidade é “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais”.

necessita se comunicar, e que essa comunicação só é possível graças à memória, é possível inferir que ela é indispensável.

Procuramos laços, geralmente culturais ou de afinidades, e, com base em nossas memórias comuns, formamos grupos: comarcas, tribos, povos, cidades, comunidades, países. Consideramo-nos membros de civilizações inteiras e isso nos dá segurança, porque nos proporciona conforto e identidade coletiva. (IZQUIERDO, 2002, p. 10)

A vida social é impossível fora de uma rede simbólica, que é viável porque temos memória. O simbólico se faz presente em toda a vida social, os símbolos mobilizam de maneira efetiva as ações humanas e as legitimam. Além disso, tudo o que apreendemos durante o processo de socialização só é possível graças à memória: aprendemos que se colocarmos o dedo na tomada levamos choques elétricos, que devemos ter cuidado com objetos cortantes pois nos causam ferimentos, que precisamos nos alimentar adequadamente. Isso sem contar que toda a evolução técnica está relacionada à memória, já que o desenvolvimento humano está em grande parte ligado ao entorno material, às tecnologias e ao conhecimento acumulado de cada época, que veio sendo transmitido ao longo das gerações. E, ao considerarmos as tecnologias, estamos incluindo a internet, que tem hoje grande influência sobre a memória.

Lapsos da memória

É preciso considerar ainda que não guardamos na memória tudo o que vivemos, apenas o que é relevante. Quem já não perdeu as chaves e a encontrou no bolso, quem não procurou os óculos e os achou depois de muito na própria cabeça, quem já não cruzou com um conhecido e não conseguiu se lembrar do nome da pessoa, quem já não se esqueceu de um compromisso, do rosto de alguém, de passar um recado, de ter participado de um evento que todos dizem que você esteve presente. Esses, entre outros tantos, lapsos da memória, embora desagradáveis, são características desejáveis e adaptativas da mente humana, que a fazem funcionar bem. Conforme Schacter (2003, p. 14), “os erros da memória são tão fascinantes quanto importantes”.

Imaginemos, por exemplo, se todas as vezes que ouvíssemos a palavra “cadeira” nos viessem à mente, em poucos segundos, todas as experiências que já tivemos com uma cadeira

durante toda a vida. Provavelmente existiriam milhares de incidentes dos mais diversos tipos e isso resultaria em uma imensa confusão, da qual não conseguiríamos obter a informação necessária.

A memória inteligente é a memória que sabe esquecer. Nietzsche, se não me engano, no seu ensaio sobre Tales de Mileto, observa que a característica da sabedoria é que ela sabe discriminar entre as coisas dignas e as indignas de serem aprendidas. As dignas de serem aprendidas, ela as guarda; as indignas, joga fora, esquece. O esquecimento é um mecanismo de sabedoria controlador da memória, para que ela não carregue pesos inúteis. (ALVES, 2003)

Na ótica de Izquierdo (2002, p. 9), um dos maiores especialistas em fisiologia da memória, além de sermos aquilo que lembramos, somos aquilo que resolvemos esquecer. Para ele, não há como negar que isso já constitui um processo ativo, uma prática da memória, pois nosso cérebro muitas vezes esforça-se, inconscientemente, para esquecer situações desagradáveis e escolhe cuidadosamente quais deverão ser mais lembradas ou aquelas que devem ser descartadas ou mantidas em difícil acesso.

Ainda de acordo com Izquierdo, há várias formas de perder memória, uma é a perda mesmo, que ocorre quando uma sinapse se atrofia pela falta de uso ou desaparece por dano ou morte celular. Outra é a extinção, na qual as memórias não se perdem, mas são “escanteadas” para um lugar menos acessível do cérebro, sendo que sua representação existe, mas é anulada pela imposição de um aprendizado novo em cima do anterior. “A extinção é uma forma de varrer para baixo do tapete uma memória. É útil, é necessária. Sem ela, a gente não teria espaço físico no cérebro para pensar” (IZQUIERDO, 2004, p. 18).

Para o neurologista, a capacidade do cérebro não é infinita, segundo ele, tanto adquirir conhecimento, quanto evocá-lo ocupa muito espaço no cérebro – a ponto de não podermos utilizar o ditado popular de que “o saber não ocupa espaço”. Ele cita um grupo norueguês que, ao estudar o hipocampo – principal estrutura responsável por formar e evocar memórias declarativas – descobriu que um animal utiliza 40% da estrutura do hipocampo para aprender uma determinada noção espacial e 60% para evocar esse aprendizado. Em outras palavras, durante o tempo em que o animal está aprendendo ou evocando tal aprendizado espacial, não pode fazer outra coisa, como uma boa potenciação de longa duração ou reconhecer uma novidade. Ele diz que se a capacidade do cérebro é saturada no rato, certamente também é em humanos.

Nós temos experiências físicas dessa saturação. Vamos a um congresso, assistimos a duas ou três palestras seguidas e ficamos com a impressão de que não cabe mais nada no cérebro. Realmente, naquele momento, não cabe mais nada. Então, saímos, damos uma ventilada, tomamos um cafezinho. Depois que baixou a poeira, que o hipocampo voltou a ser um pouco menos utilizado, podemos voltar para a sala e ouvir mais uma palestra. (IZQUIERDO, 2004, p. 19)

Segundo Schacter (2003, p. 29), com o passar do tempo há “uma troca gradual de reprodução de detalhes e recordações específicas pela reconstrução e descrição mais geral de um evento”. Halbwachs (1990, p. 72), por sua vez, afirma que temos a tendência de agrupar as memórias mais antigas em blocos. Por exemplo, posso não me recordar da minha chegada na escola no dia 26 de março de 1992, mas me lembro de outros dias que me parecem iguais àquele. Recordo-me que aquele ano foi o último que cursei em determinada escola, meus amigos da época, entre outras coisas, e imagino como deve ter sido tal dia.

Sem se lembrar de um dia, pode-se lembrar de um período, e não é certo que a lembrança de um período seja simplesmente a soma da lembrança de alguns dias. À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa. (HALBWACHS, 1990, p. 72)

Os mecanismos adaptativos da memória, embora indispensáveis, são os causadores dos lapsos. Schacter (2003), enumera os “pecados da memória” que considera mais relevantes para a ocorrência de falhas de memória e, por outro lado, de que maneira são benéficos para o funcionamento do cérebro.

O primeiro deles é a transitoriedade, ou seja, o enfraquecimento da memória com o tempo, já que o passado desaparece inevitavelmente com a ocorrência de novas experiências. Lembramos com detalhes o que fizemos na manhã de hoje ou no dia de ontem – o que comemos e a que horas, a cor da roupa que vestimos, com quem nos encontramos, o que fizemos no trabalho, etc – já com relação aos acontecimentos da semana anterior, somos mais gerais ao descrevê-los, não sabemos tantos detalhes, nos enganamos sobre a ordem dos fatos ou o dia exato em que ele aconteceu, lembramo-nos mais das atividades atípicas, que desviaram a rotina diária. Com o passar dos meses e até anos, a tendência ao esquecimento de

detalhes é ainda maior, recordamos a essência dos eventos, a parte principal do acontecimento jogamos para uma região de difícil acesso algumas informações e outras descartamos. Mas também há casos de que, depois de pesquisar nas áreas recônditas do cérebro, a sua memória consegue achar a informação.

Distração necessária

Outro pecado da memória é a distração. Na verdade, não é uma falha da memória, mas um lapso de atenção, que resulta no esquecimento de informações que nunca foram codificadas de maneira adequada e ficam indisponíveis na hora que precisamos dela. É o caso de quando, absorto em uma conversa ao telefone, o indivíduo coloca seus óculos na poltrona e, mais tarde, ao resolver retomar sua leitura, ficar horas à procura deles, tentando relembrar onde os deixou. Como ele não havia codificado adequadamente a informação, pois estava distraído com a conversa, não havia como resgatá-la posteriormente.

Schacter (2003, p. 61) cita um violinista da Universidade de Los Angeles, que tinha sob seus cuidados um raro violino Stradivarius, pertencente ao departamento de música. Ele colocou o violino em cima do carro para abrir a porta e saiu dirigindo. O violino só foi aparecer quase trinta anos mais tarde quando foi levado para um concerto e um comerciante especializado o reconheceu. Schacter pondera que um músico, sabendo do valor inestimável daquele instrumento, jamais esqueceria onde colocou um Stradivarius, mas provavelmente foi pego pela distração no momento de sua ação e, pensando em outras coisas, não codificou que colocou o violino em cima do carro – procedimento que seria necessário para se recordar posteriormente de que precisava tirá-lo de lá antes de sair dirigindo. Segundo Schacter, muitos erros de distração ocorrem por causa da atenção dividida durante a codificação, que tem um efeito drástico sobre como a experiência é recordada posteriormente. É como quando, calculando quanto dinheiro tem na sua conta depois de pagar por uma peça de roupa, esquece-se a carteira no balcão da loja, por exemplo, e depois não faz idéia de onde possa tê-la deixado. Apreende-se, portanto, que se a distração é uma “inimiga” da memória. A atenção, o interesse, a concentração, por outro lado, fazem perpetuar as recordações.

Contudo, a distração, por sua vez, não pode ser considerada um pecado da memória, pois, conforme Schacter, ao desempenhar tarefas rotineiras por meio de processos automáticos, liberamos nossa atenção para questões mais importantes, desta forma um

eventual erro de distração parece ser um preço relativamente pequeno para tão grande benefício.

Em parte, os erros de distração ocorrem porque, para se estabelecer uma representação rica da memória, que possa ser recordada de forma voluntária posteriormente, é necessário uma codificação elaborada e atenta. Eventos que receberam atenção e elaboração mínimas ao ocorrerem também têm pouca probabilidade de serem lembrados depois. Mas o que aconteceria se todos os acontecimentos fossem registrados em detalhes elaborados, independentemente do nível de processamento a que foram sujeitos? O resultado poderia ser um excesso de detalhes inúteis, como aconteceu no famoso caso do perito em mnemônica Shereshevski. Documentado pelo neuropsicólogo russo Alexander Luria, que o estudou por vários anos, Shereshevski formava e guardava praticamente tudo o que ocorria com ele – tanto eventos importantes como triviais. Entretanto, ele era incapaz de funcionar em um nível abstrato porque estava inundado com detalhes sem importância de suas experiências – detalhes que teria sido melhor deixar fora do sistema de memória. (SCHACTER, 2003, p. 231)

Bloqueio de palavras

Outra falha comum de memória é o bloqueio de palavras, que podem acontecer em várias situações, desde uma conversa informal em que a palavra desejada foge de sua mente, durante uma avaliação na qual a resposta da prova que você tanto estudou desaparece – mesmo sabendo que se recorda daquele pedaço da matéria – ou até o bloqueio de nomes de pessoas. O bloqueio provoca irritação porque parece evidente que você é capaz de resgatar a informação, mas, ao mesmo tempo, não consegue fazê-lo. Na visão Schacter (2003, 95), “a sensação de que uma palavra está na ponta da língua parece ser uma experiência quase universal”, ele cita pesquisas que revelam que em 51 idiomas pesquisados, 45 usam a palavra “língua” para descrever situações em que se sente que uma palavra está prestes a ser resgatada.

Por exemplo, a mãe coloca nos cabelos uma faixa nova que acabou de comprar numa liquidação. Ao chegar em casa, o filho de três anos, vendo-a diferente, diz: “Mãe, o que você está fazendo com essa chapa na cabeça? Pode tirar agora!”. Os parentes em volta riem da troca de palavras da criança (faixa por chapa) e da ousadia de pedir à mãe que a tire imediatamente. Mais tarde, depois do almoço, a mãe sai para o trabalho. Ao chegar lá, tenta

reproduzir o acontecido, mas, no meio da narração, esquece-se da palavra que seu filho havia utilizado para faixa e se frustra por não conseguir recuperar a palavra que está “na ponta da língua”, e daria sentido à narração do evento naquele momento. À noite, ao chegar em casa, sem que tivesse pensando mais no assunto, uma palavra desconexa lhe vem à mente: chapa. Conforme Schacter, metade dos casos de situação na ponta da língua “são resolvidos de supetão, aparentemente do nada”, ou seja, inconscientemente. A outra parte deles é resolvida através do uso consciente de estratégias de pistas, procurando sons semelhantes, palavras substitutas ou ainda consultando fontes externas, como o dicionário, enciclopédias, pessoas que estavam presentes, etc. Entretanto, muitas vezes os sons ou palavras semelhantes só nos fazem desviar do caminho correto, pois ficam martelando na nossa mente e afastando a palavra que procuramos.

Entre os bloqueios mais comuns está o de nomes próprios de pessoas conhecidas. Schacter explica que isso ocorre porque os nomes próprios ocidentais dizem muito pouco da pessoa, de suas características e atributos, ou seja, ficam sem contextualização (o que é diferente em algumas tribos indígenas em que os nomes são descritivos). Como diria Halbwachs, essas lembranças (no caso, os nomes próprios) têm poucos pontos de contato com outras recordações e, portanto, mais dificuldade de perpetuação. Por exemplo, uma garota narrava um evento acontecido durante a faculdade com uma colega de classe, mas, por mais que se esforçasse, não se lembrava do nome dela. Como o nome não era tão relevante, já que as pessoas para quem contava o caso não conheciam a colega, a história foi contada sem ele. Um mês mais tarde, voltando de viagem, na estrada, a garota passou ao lado de uma placa escrito Borebi, no mesmo instante, o nome Ana Paula, surgiu em sua mente. Ana Paula era a colega de classe, que tinha vindo da cidade de Borebi, trazida no primeiro dia de aula pelo zeloso avô, preocupado com a neta chegar sozinha a uma cidade desconhecida e bem maior do que a que ela morava. Em resumo, ao ver a placa, a garota encontrou pontos de contato na memória que a fizeram lembrar o nome da colega.

Schacter (2003, p. 84) cita o experimento de pesquisadores norte-americanos que examinaram dois grupos de voluntários, mostrando imagens de rostos de pessoas desconhecidas. O primeiro grupo ouviu um sobrenome para ser associado ao rosto de cada pessoa, enquanto o segundo grupo recebeu a profissão de cada um. A grande sacada do estudo é que os sobrenomes e as profissões eram os mesmos, por exemplo, o primeiro grupo recebeu as palavras Baker ou Potter, com a informação de que eram os sobrenomes das pessoas, o segundo recebeu as mesmas palavras Baker (padeiro, em inglês) e Potter (oleiro, em inglês),

com a informação de que eram as profissões dos indivíduos mostrados nas fotos. Quando, mais tarde, os voluntários voltaram a ver as imagens e precisaram se recordar das palavras, as profissões foram lembradas com frequência muito maior. O estudo demonstra que, quando se diz que alguém chama John Baker, pouco ou nada se revela sobre ele. No entanto, se digo que ele é padeiro, dá-se uma ideia de como ele passa o seu dia, acorda cedo, vive enfarinhado, lida com clientes, ou seja, faz-se uma grande quantidade de associações com a imagem do rosto mostrado.

Perpetuadores da memória

Além da confrontação, da retomada frequente das recordações, da atenção no momento da formação da lembrança, da associação com outros pontos de contato da memória, há outros fatores que concorrem para uma melhor perpetuação da memória. Entre eles destacamos três. O primeiro é a posição do indivíduo no grupo. Um aluno, por exemplo, tende a se lembrar melhor do professor do que o contrário (com exceção de alunos brilhantes ou muito bagunceiros, que se destacam entre os outros para o professor), os funcionários de uma grande empresa tendem a se lembrar mais do empregador do que vice-versa.

O segundo fator perpetuador de memória é o espaço. Segundo Halbwachs (1990, p. 131) as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu. Nosso equilíbrio mental decorre, em grande parte, do fato de que objetos materiais com os quais estamos em contato diário mudam pouco, oferecendo uma imagem de estabilidade e permanência. Além disso, levam a nossa marca e a de outros integrantes do grupo. “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133). A imagem do meio exterior penetra na consciência e na imagem que o indivíduo faz de si mesmo. Além disso, as imagens espaciais desempenham um grande papel na memória coletiva, pois “todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais” (1990, p. 133) e, em decorrência, o entorno material forma pontos de apoio para a memória ao refletir o grupo, sua organização, seus costumes e distintivos. Halbwachs afirma que uma mudança na cidade é muito mais significativa que uma guerra no país, pois, por mais que o grupo seja acometido por catástrofes, se a paisagem continuar a mesma, os homens se sentirão confortáveis. Agora, quando se arruinam os locais de referência das pessoas, isso pode ser prejudicial ao equilíbrio delas e dificultar a perpetuação de lembranças.

O terceiro fator é a emoção. O internacionalmente conhecido neurocientista Antonio Damásio resalta a importância dos sentimentos para o processo de memorização. “Elas (as emoções) têm uma grande influência na nossa capacidade de memorizar. Na maioria dos casos, tanto sentimentos negativos como positivos que acompanham determinado episódio, fazem com que ele seja gravado e lembrado mais facilmente” (DAMÁSIO, apud COLAVITTI, 2003). Ele explica entretanto, que emoções extremamente fortes, especialmente as negativas como um acidente, podem surtir efeito contrário, extinguindo-se da memória. O mesmo acontece com os momentos de dor intensa. “As mulheres jamais teriam um segundo filho se pudessem reviver a dor do parto” (DAMÁSIO, 2003). Halbwachs também evidencia o poder da emoção na perpetuação de recordações:

Um ser humano que é muito amado, e que ama moderadamente, não é muitas vezes prevenido senão tardiamente, ou talvez não se dá jamais conta da importância que se atribuiu a seus menores expedientes, a suas palavras mais insignificantes. Aquele que amou mais lembrará mais tarde, declarações, promessas do outros das quais este não conservou nenhuma recordação. Isto não é sempre efeito da inconstância, da infidelidade, da imprudência. Mas ele estava muito menos engajado do que o outro nessa sociedade que repousava num sentimento desigualmente dividido. (HALBWACHS, 1990, p. 31)

Ivan Izquierdo (2004) e seu grupo de pesquisadores demonstraram em seus estudos que os mecanismos cerebrais que modulam a memória são mediados por neurotransmissores (como a serotonina, a dopamina e a noradrenalina) ou por hormônios (como a adrenalina, a betaendorfina, a vasopressina e os corticoides), evidenciando que tanto a formação como a evocação de memórias são extremamente sensíveis às emoções e aos estados de ânimo.

Segundo Schacter (2003, p. 200), as experiências do cotidiano e estudos de laboratório revelam que incidentes de elevada carga emocional são mais lembrados do que eventos que não despertam emoções. O efeito da emoção começa no momento em que a memória é criada, quando a atenção e a codificação determinam se uma experiência vai ser lembrada ou esquecida.

Memória e Internet

Levando em consideração que a memória necessita de confrontação e a internet expandiu as possibilidades de sociabilidade e interatividade, é possível afirmar que, através da comunicação pela web, as memórias são “confrontadas” e essa é mais uma forma de perpetuar a lembrança. A web chamada 2.0 proporcionou a interatividade à internet – a possibilidade de opinar, participar e criar novos formatos. As mensagens deixaram de ser editadas por um centro para serem disseminadas de forma transversal, aleatória e associativa, ou, como prega Castells, em redes. Rodrigues (apud LEMOS, 2004, p. 80) afirma que “emissor e receptor fundem-se na dança de bits”, passando de uma comunicação unidirecional (ainda que tenhamos que levar em consideração as diferentes recepções, já que um receptor nunca é passivo, pois recria a mensagem de acordo com seu repertório), para uma multidirecional, um sistema todos-todos. Uma das vantagens destacadas pelos internautas entrevistados no estudo foi justamente a interatividade, “a possibilidade irrestrita de participação”, a sensação de “liberdade por poder opinar”, inclusive em assuntos que antes não se tinha acesso. Essa interatividade pode contribuir, sob a perspectiva de Halbwachs, para a perpetuação de lembranças na rede.

A internet ainda funciona como uma extensão da memória. Levy (1999, p. 13) diz que vivemos o segundo dilúvio, o das informações. De acordo com Oliveira, Barreiros e Cardoso (apud BENEYTO, 2002, p. 99), as novas tecnologias da informação e comunicação aumentaram a capacidade humana para se comunicar, para divulgar e receber informação e, inclusive, abriram o acesso ao conhecimento de maneira quase ilimitada, permitindo o surgimento de uma sociedade que não se prende ao espaço ou lugar determinado. Nas entrevistas realizadas, 90% dos participantes fez menção ao “enorme montante de informações em tempo real”, “um mar sem fim de informações” que “dispensa que os usuários precisem manter muitas informações na cabeça ou que tenham memórias prodigiosas”. Foi amplamente disseminada a ideia de que a qualquer instante podem consultar a rede em busca da informação desejada, de que na internet “tem tudo”.

Verifica-se, no entanto, que, entre os relatos, 65% dos entrevistados costumam perder o foco ou distrair-se durante a navegação – lembrando que a atenção é um perpetuador da memória. Porém, percebe-se uma tendência dos mesmos a criarem maneiras de não perderem a atenção: fazer anotações, usar menor número de janelas, guardar textos em pastas para ler depois, evitar pular entre as páginas a menos que se permaneça no assunto procurado e até mesmo desligar comunicadores instantâneos se necessário.

Considerando o impacto emocional como um fator perpetuador de memória, no estudo, embora tenha sido, muitas vezes, citada como um meio frio, que distancia as pessoas pois estas passam a substituir encontros reais por virtuais, a Internet também é citada como muito importante para aproximar os laços entre pessoas conhecidas, amigos, familiares, contatos profissionais, etc. Entre as vivências relatadas pelos profissionais como marcantes, percebe-se, em todas elas, um alto grau de emoção, ou seja, esse é um fator que realmente interfere na perpetuação de uma recordação de vivência, mesmo virtual. Entre os episódios relatados, vimos nascimentos, perdas, reencontros, situações traumáticas, como um problema de saúde ou um cartão de crédito clonado, acesso a pessoas que não se imaginava, dificuldades em país diferente – todas situações que mexeram com as emoções dos entrevistados.

A Internet também alterou drasticamente as noções espacio-temporais. Fica bastante evidente entre as narrativas dos entrevistados, o espaço virtual como promotor da superação das distâncias: *“é um espaço que não existe distâncias”, “diminui as distâncias”, “os muros não existem mais”, “gosto de viajar entre aspas pelo mundo, a Internet possibilita esse tipo de serviço”, “eu não estou mais no espaço de uma cidade, eu estou no espaço mundial”, “a gente está em todo lugar”, “o mundo ficou desse tamanho...”*. Além disso, a web reorganizou a configuração dos espaços públicos e privados, mesclando-os. As entrevistas realizadas comprovaram ainda que, a partir do uso da Internet, a vida profissional passou a invadir mais a pessoal e vice-versa. Um exemplo disso são as queixas quanto a deixar momentos de convivência com os filhos, com a esposa, perder o tempo disponível para os exercícios físicos, tornar as noites mais curtas, trabalhar em casa, receber mensagens da família no trabalho, dos amigos na igreja, etc.

Segundo Harvey (1992), tempo e espaço são categorias básicas da vida humana, já que suas concepções são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais. Castells (1999, p. 403) concorda dizendo que espaço e tempo são as principais dimensões materiais da vida humana. Na época moderna, o espaço privado, das liberdades individuais, e o espaço público, do dever cívico, estavam muito bem delimitados. Hoje, essa fronteira já não é tão nítida. O espaço é fluido, flexível, ou como prefere Castells, um “espaço de fluxos”. Vale lembrar que um sujeito está inegavelmente enraizado num espaço físico ou um lugar, mas locomove-se pelo virtual na pluralidade de “lugares” onde a rede alcança.

Não é sequer necessário hoje deslocar-nos para entrarmos em contacto com povos e culturas distantes, para conhecermos e estabelecermos com eles relações intensas e permanentes; uma simples ligação às redes telemáticas

parece trazer-nos o mundo inteiro ao domicílio e pô-lo ao nosso alcance (RODRIGUES, 1999, p.196).

Segundo Ortiz (1996), a mundialização altera as noções de próximo e distante, de desconhecido e familiar e, em decorrência, “quebra fronteiras e propicia uma convergência de modos de vida. Para ele, seria mais correto dizer: o viajante, ao se deslocar pela modernidade-mundo, ‘não sai do lugar’. Ele permanece no interior de um continuum espacial”. A rede provoca, portanto, uma “*diluição da corporeidade*” (SILVA, 1999, p.1) e também uma “*diluição de fronteiras*” (ORTIZ, 1996).

Na modernidade, o tempo é linear (progresso e história) e o espaço é naturalizado e explorado enquanto lugar de coisas (direção, distância, forma, volume). Na modernidade o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a encarnação do tempo linear, implica a conquista do espaço físico. Na pós-modernidade, o sentimento é de compreensão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediato) e as redes telemáticas, desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço. Este é o ambiente comunicacional da cibercultura. (LEMOS, 2004, p.68)

Essa modificação do espaço interfere na memória, provocando – como bem definiu Santos (1994, p. 30) – “a sensação de um presente que foge”. Aliás, foram relatadas várias vivências nesse sentido, como sensações de não dar conta das tarefas, de ansiedade, etc. Como já comentamos, para Halbwachs (1990), a conservação da memória depende, em grande parte, do espaço físico. Ele defende que o entorno material é inseparável do “eu”, pois leva a marca do indivíduo e a dos grupos aos quais pertence: sua organização, ações, costumes e distintivos podem ser traduzidos em termos espaciais. Para ele, o equilíbrio mental decorre do fato de que objetos materiais com que se tem contato diariamente mudam pouco e oferecem uma imagem de estabilidade. As imagens espaciais desempenham um grande papel na memória coletiva, pois “todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais” (1990, p. 133). O advento da Internet, que impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos, transporte de ideias e até um novo conceito de espaço, ou o ciberespaço, reflete-se, portanto, na memória. Levy (2002, p. 40) retoma a ideia de Halbwachs: “A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais”.

Há ainda que se considerar a mudança na concepção de tempo, provocada pela internet, por dois ângulos: o tempo real e a intemporalidade. No primeiro, vemos o tempo

superando barreiras espaciais, a rapidez com que a informação pode chegar ao receptor, a troca de informações instantâneas entre todo o globo, as reportagens ao vivo, as transações comerciais instantâneas e a comunicação entre usuários de computadores ou mobiles, reunindo pessoas que trocam mensagens escritas, imagéticas ou sonoras em tempo real. Isso sem contar que a imensa quantidade de informações que chegam a todo momento (ou a que se tem acesso) parecem acelerar o tempo.

Mas, além do tempo real, a Internet ainda possibilita um tempo contínuo, em que informações novas e antigas têm a mesma facilidade de acesso, criando uma espécie de colagem temporal, uma mescla de tempos simultâneos. “*A intemporalidade do hipertexto de multimídia é uma característica decisiva de nossa cultura, modelando as mentes e memórias das crianças educadas no novo contexto cultural*” (Castells, 1999, p. 487). Ou seja, o tempo virtual mescla o tempo eterno e o efêmero.

Essas transformações drásticas nas noções de espaço e tempo fizeram com que as memórias dos usuários concernentes a tais mudanças se perpetuassem, ficando gravadas na memória dos mesmos. Vale ressaltar que, além da superação espacial, da ampliação do espaço físico, foi enfatizada a ampliação “espaço do imaginário”, em que o indivíduo pode mostrar outras facetas, fantasiar, demonstrar feições de si mesmo que normalmente não exporia ou, nas palavras de um entrevistado, ser “meio camaleão”, dar vazão a sentimentos e pensamentos diferentes. A grande maioria dos entrevistados relatou episódios de transformação nas relações espacio-temporais.

A confrontação constante de um evento, a atenção concentrada sobre ele, a associação com outras memórias correlatas, a posição do indivíduo no grupo, as emoções despertadas no momento e o entorno material são perpetuadores da memória. A presença desses fatores, em maior ou menor grau, determina a intensidade e vividez ou, em contraposição, o esmaecimento de nossas recordações. E, como vimos, esses fatores têm forte ligação com as vivências promovidas pela internet.

Dependência da mídia

A enorme apropriação dos usuários pela internet consolida uma relação de forte dependência com essa mídia. Nos relatos das entrevistas, essa dependência fica evidente. “*Tem pessoas que, quando o computador dá pau ou o celular acaba a bateria ficam paralisadas*”, “*Acabar a bateria do celular é um estresse, porque você fica sem poder dar*

nem receber notícias de ninguém”, “Não fico sem internet, já é parte de mim”. “Se fico sem celular, parece que perdi um braço, ou os dois”. Vale ressaltar a ideia de DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 338), que dizem que a mídia é indispensável para sociedades atuais, para a organização social e a conduta de atividades essenciais como a produção e a integração. Segundo a “Teoria de Dependência de Mídia” desses autores (1993, p. 224-226), tal dependência ocorre, pois o indivíduo busca na mídia: compreensão – seja de si mesmo ou do mundo; orientação – que pode ser da sua ação individual (decidir o que comprar, como se manter saudável, etc.) ou de interação (como agir diante de situações novas ou difíceis, como se comportar face a grupos de fora); e ainda divertimento. De acordo com o que o indivíduo procura na mídia, ele terá uma recepção e uma interpretação diferente, ainda que a mensagem seja a mesma. DeFleur e Ball-Rokeach (1993) acreditam que a capacidade da mídia de fazer um indivíduo reter na memória um fato ou ser influenciado em seu comportamento depende de vários fatores: se o indivíduo é um selecionador ativo ou um observador casual – e na internet na grande maioria das vezes ele é ativo, portanto aumenta-se a influência -; a expectativa do receptor quanto à utilidade da informação; e o envolvimento com a mensagem. Ou seja, quanto maior o nível de provocação cognitiva (prender a atenção) ou afetiva (despertar emoções) de uma mensagem, maior a retenção dela. “Nossa hipótese é de que as pessoas que foram estimuladas cognitivamente e afetivamente se empenharão em um tipo de cuidadoso processamento das informações que lhes permitirá recordar ou relembrar as informações após lhes serem expostas” (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993, p. 333).

Além disso, os autores citam que quanto maior o grau de ambiguidade ou conflitos no meio em que a pessoa se insere maior a necessidade de informação para criar significados estáveis. “Em uma sociedade como a nossa, onde mudar é a palavra de ordem, onde a vida social se acha em certo grau de trânsito, há uma ambiguidade crônica que leva as pessoas a criarem relações de dependência permanente com a mídia” (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993, p. 335).

As transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas que marcam a nossa época produzem uma profunda instabilidade nas inúmeras representações que a sociedade constrói de si mesma. Considerando que sociedade e tecnologia têm estreito vínculo e se influenciam concomitantemente, vale ressaltar que o advento da Internet e outros meios de comunicação provocaram novas representações, formas de comunicar e interagir, relações espaço-temporais. Nesse sentido, verifica-se que a mídia exerce grande influência sobre a vida das pessoas, já que está cada vez mais presente no cotidiano delas.

Através das entrevistas, ficou claro que a memória social não se constitui como algo estático, pronto e acabado. Muito pelo contrário, ela é volátil, tem estrutura mutante, é moldada e remodelada a todo instante pelas novas dinâmicas sociais. Pudemos observar no decorrer da pesquisa que a tecnologia influencia comportamentos, hábitos, transforma valores e até formas de pensar. Um equipamento tecnológico não é apenas a ação do homem no mundo, mas reflete a sociedade.

Diante do exposto, podemos afirmar que a Internet, ao transformar o cotidiano de seus usuários, reflete-se na memória destes: entre as recordações, é possível perceber o quanto essa tecnologia se tornou necessária nos procedimentos da rotina de trabalho, nas relações pessoais e o quanto provoca a dependência dos profissionais em relação a ela.

Em suma, percebemos a Internet tem grande influência na formação da memória social. Ao alterar a vida cotidiana e seus processos, ela altera também formas de pensar, visões de mundo e tem importante papel na criação, manutenção e desenvolvimento do simbólico, o que contribui com a formação da memória, individual e coletiva. A Internet vive em uma espécie de retroalimentação com a memória coletiva: influencia as memórias de seus usuários e, ao mesmo tempo, alimenta-se repetidamente do imaginário e da memória social.

Palavras-chave: Internet; Memória; Cibercultura; Dependência Midiática.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. **Melhorando as câmaras de tortura**. Sinapse-Folha, nº 11, 16, maio, 2003.

BENEYTO, José Vidal (org.). **La ventana Global**: ciberespacio, esfera pública mundial y universo mediático. Madrid: Taurus, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 7ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. v.1 A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. v. 2. A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLAVITTI, Fernanda. **A memória e o caos digital**. Disponível em:

<<http://galileu.globo.com/edic/130/memo.htm>> Acesso em 17 de julho de 2003.

DEFLEUR, Melvin L., BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos tribunais, 1990.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

IZQUIERDO, Ivan. **A voz da memória**. Pesquisa Fapesp, nº 99, maio, 2004

_____. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LE GOFF, Jacques (org.). **Memória e história**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1979.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34, 1999.

_____. **Tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: editora 34, 2002.

LOPES, Luiz Carlos. O culto às mídias: Interpretação, cultura e contratos. São Paulo: Edufscar, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. **Em torno a Galileu:** esquema das crises. Petrópolis: Vozes, 1989.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: brasiliense, 1996.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura:** a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

_____ **As novas tecnologias da informação e a experiência.** Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 17 de maio de 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SHACTER, Daniel L. **Os sete pecados da memória:** como a mente esquece e lembra. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SILVA, Lúcia J. Loureiro. **Comunicação:** A internet - a geração de um novo espaço antropológico. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 17 novembro de 2002.

TRUJILLO, Victor. **Pesquisa de Mercado:** Qualitativa e Quantitativa. São Paulo: Scortecci, 2001.